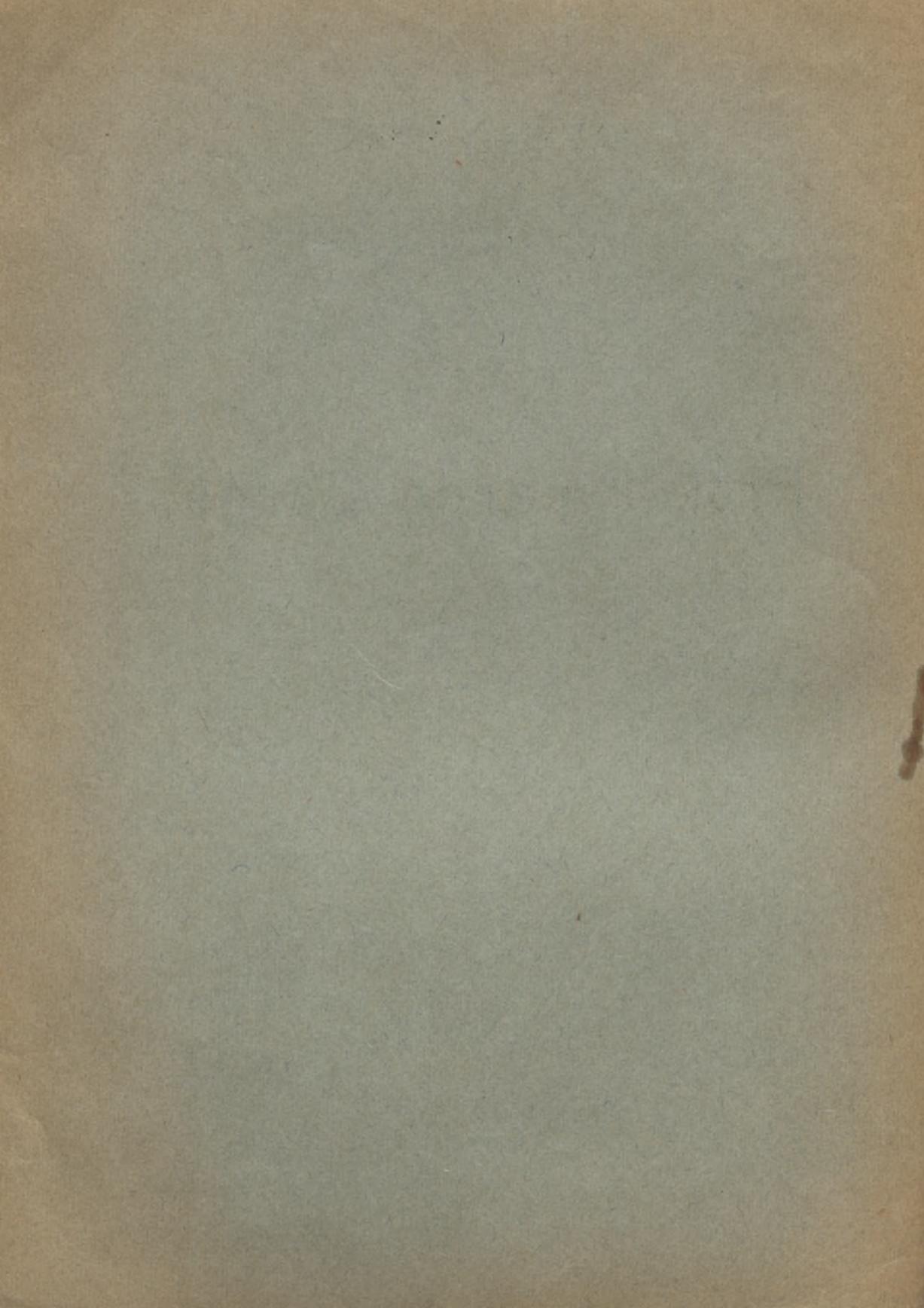


DR. ARMANDO NARCISO

Prof. Ricardo Jorge

LISBOA
1939

RC
MNCT
92
NAR



DR. ARMANDO NARCISO

— *Homenagem do Autor*

Prof. Ricardo Jorge



RC
MNCT
—
92
—
NAR

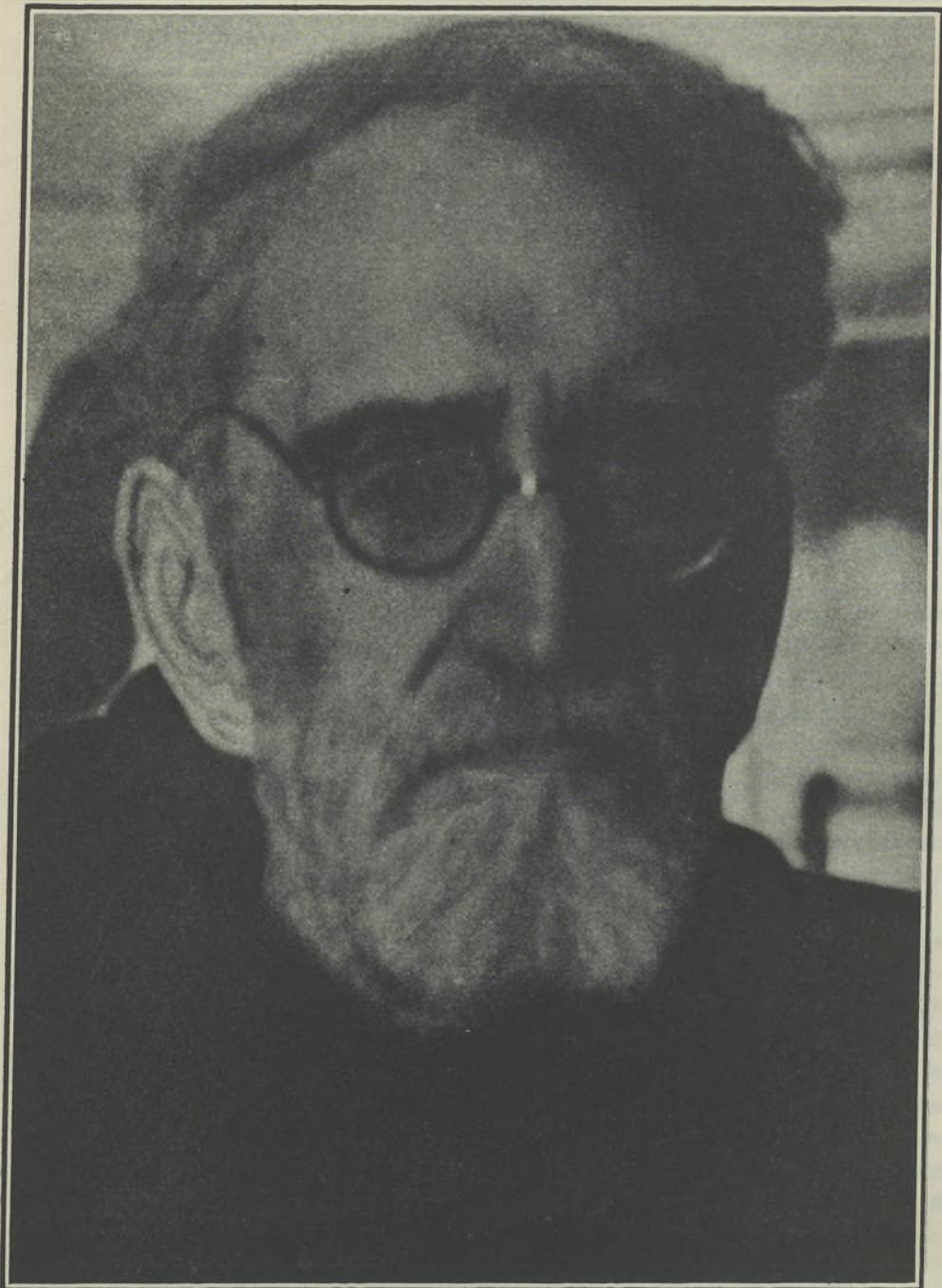
—
LISBOA
1939

DR. ARMANDO ZARCO

Prof. Ricardo Jorge

CLÍNICA HIGIENE S. BENTO
RUA DE S. BENTO, 279 - LISBOA

LISBOA
1939



Prof. Ricardo Jorge

Com a morte do Prof. Ricardo Jorge esta Revista perdeu um dos seus mais ilustres Directores e Colaboradores e nós um grande Mestre e um grande Amigo. Mas não somos só nós que estamos de luto, de luto está tôda a Medicina e tôda a Literatura em Portugal. Mestre das ciências médicas e Mestre das letras, Ricardo Jorge foi de entre todos os médicos o maior escritor e de entre todos os escritores o maior médico. Sendo médico e dos mais sabedores, nunca esqueceu as letras. Sendo escritor e dos mais vernáculos, nunca esqueceu a medicina.

Como médico o Prof. Ricardo Jorge foi clínico, neurologista, hidrologista, climatologista, bacteriologista, epidemiologista e higienista. E em nenhuma destas especialidades foi simples amador. Em tôdas foi o cientista e o técnico da mais alta competência. Mostrou bem quanto valiam os seus conhecimentos clínicos quando, Presidente da Sociedade de Ciências Médicas, discutia e apreciava as comunicações de medicina, cirurgia e especialidades, apresentadas por clínicos amadurecidos na prática diária. Nas primeiras sessões foi grande a surpresa, depois todos se habituaram a ouvi-lo discorrer, com tão profundo conhecimento, sôbre assuntos de que o julgavam afastado.

Ainda foi como clínico sagaz e conhecedor que êle exerceu nas Caldas do Gerez, lançando as bases da nossa moderna terapêutica hidro-lógica. Mas não se limitou à clínica termal, foi até à experimentação, no seu laboratório da Escola do Pôrto. Ali fez as primeiras investigações de farmacodinâmica que se executaram em Portugal. E nessas experiências mostrou como a fisiologia experimental lhe era familiar. Foi também um precursor na climatologia, publicando trabalhos dum alto valor, num tempo em que a nossa meteorologia dava os seus primeiros passos e em que se ignorava ainda qual o valor da climatologia médica e biológica. E,

assim, foi êle, nem só em Portugal, mas no resto da Europa, o primeiro médico hidro climatologista, quando ainda por tôda a parte os hidrológicos ignoravam a climatologia e os climatologistas ignoravam a hidrologia.

Mas foi como bacteriologista, epidemiologista e higienista que o Prof. Ricardo Jorge se notabilizou, tornando-se conhecido e admirado em todos os centros científicos do Mundo. E se na bacteriologia pouco se demorou, foi principiando por ela que êle veio a ser primeiro o epidemiologista, depois o higienista, que ninguém ainda excedeu entre nós e poucos além fronteiras. Os seus trabalhos, apresentados na secção de hygiene da Sociedade das Nações, são dos mais notáveis que ali têm aparecido e coroam a vasta obra dêste Mestre que foi o primeiro organizador e o maior animador dos serviços sanitários em Pórtugal.

E como escritor, quem há que o não conheça no nosso País! Amigo e discípulo de Camilo, Ricardo Jorge caprichou sempre em bem escrever a velha língua pátria e até à morte foi o seu melhor paladino. O seu estilo vernáculo, sabendo o arcaico, limpo de estrangeirismo, ninguém é capaz de o igualar. Mas os seus talentos de escritor não se limitaram a bem escrever. Investigador arguto, Ricardo Jorge deixou algumas das melhores obras de investigação, quer no campo da história literária, quer no campo da história médica.

Tudo quanto saía das suas mãos era perfeito, bem começado e bem acabado. Os seus trabalhos científicos, alguns com meio século, continuam actualizados, como se fôsem escritos há pouco. Os seus trabalhos de investigação histórica são dos mais probos que se podem ler em língua portuguesa. E, finalmente, as suas polémicas, em que foi aguerrido, ainda nos fazem vibrar ante o poder do fundibulário que arrojou tão certeiros projecteis.

Tôda a sua obra aí fica para regalo dos estudiosos, mas o que êle levou consigo, o que mais ninguém pode apreciar é a sua conversa, a sua palestra viva, as suas confidências, as suas críticas, os seus conceitos filosóficos, que êle nem sempre passava ao papel, mas se aprazia de comunicar àqueles a quem concedia a sua amizade. Ainda o estamos vendo, velhinho, mirrado, a barbicha descuidada, os olhos pequenos e brilhantes, em que havia ironia e bondade. Aconchegado numa velha poltrona, meio embrulhado numa velha manta, num pequeno compartimento do Instituto de Hygiene que tem o seu nome, passava os dias, lendo e escrevendo, rodeado de livros, quadros e recordações. Horas esquecidas ali ficámos,

tanta vez, no prazer espiritual de o ouvir. Da última, aludiu aos seus oitenta e tantos anos, o que nos levou a dizer-lhe:

— Mestre, o senhor é o rapaz mais extraordinário que eu conheço.

E, ao cumprimento, êle retorquiu, estendendo a mão amiga e ressequida, num adeus que foi para sempre:

— Que a Morte me leve antes de me amolecerem os neurónios.

Estavamos longe de Portugal quando nos chegou a triste notícia de que a Morte lhe tinha feito a vontade. E mal chegámos, aqui estamos prestando esta homenagem à sua memória, até que outros lha prestem mais completa e valiosa.





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



132972497X

Separata da Revista
CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA
Ano 5.º—N.º 8—Pgs. 247 a 250